



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



**“PAISAGENS EM TRANSE”: EXPERIÊNCIAS E TRANSFORMAÇÕES NO ESPAÇO
CITADINO FEIRENSE SOB O VIÉS DA ACELERAÇÃO DA HISTÓRIA
E DO TEMPO (1910 -1960)**

Magno de Oliveira Cruz¹

Resumo: Consideramos que as cidades, tal qual a própria História, são uma construção do seu tempo, ou seja, cada geração tem o poder de construir, desconstruir e impor olhares sobre esse objeto, o que Henry Rousso (2016) categorizou por regime de historicidade, como sendo uma consciência ou percepção de si, uma relação da sociedade com seu passado. Desse modo, analisando a cidade como um espaço que corresponde a um viver próprio de seu tempo, tal artigo tem como objetivo analisar/compreender a cidade de Feira de Santana - Bahia (1910-1960) e toda sua complexa tessitura de paisagens perpassando pelas categorias de análise da aceleração da história e do tempo problematizadas por Reinhart Koselleck em "Estratos do tempo"; suas ruas, praças, meios de transportes, lojas, luzes, tecnologias, seus sujeitos e suas experiências. Atentamos à ascensão da concepção de um "novo tempo"; tal percepção nos faz refletir sobre a necessidade de pensar a ideia do "novo" como característica da modernidade e do progresso em Feira de Santana. Assim, a inovação, a modernidade e o progresso seriam característicos de temporalidades diversas na história. De antemão, corroboramos com Koselleck ao contrapor essa perspectiva apontando que todo tempo é simultaneamente espaço de inovação e repetibilidade, visto que a característica de inovação marcante na modernidade é dissolvida argumentativamente através da concepção de tempo em estratos, o que gera uma compreensão mais complexa dessa temporalidade.

Palavras-chave: Feira de Santana, estratos do tempo, memória, aceleração da história.

As diversas narrativas referentes à construção dos ideais de modernidade e progresso em Feira de Santana-BA e toda sua complexa tessitura na relação passado/presente constituem o debate central desse artigo. Suas ruas, praças, coretos, meios de transportes, lojas, luzes, seus sujeitos e suas experiências nos despertaram atenção. Corroboramos com Maria Stella Brescianni (2003) ao afirmar que as cidades são antes de tudo uma experiência visual, um traçado de ruas, vias de circulação ladeadas de construções, os vazios das praças cercadas por igrejas e edifícios públicos, o movimento de pessoas e a agitação das atividades concentradas num mesmo espaço e mais, um lugar saturado de significações acumuladas através do tempo, uma produção social

¹ Mestre em História (UFCG-PB). Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina. Bolsista Capes. E-mail: magno-cruz@hotmail.com.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



sempre referida a alguma de suas formas de inserção topográfica ou particularidades arquitetônicas.

Partimos então do pressuposto que, tal qual um desejo que só se sustenta na falta, os projetos de modernização impostos nas cidades brasileiras a partir da implantação da República, agiram na medida em que a urbe e os seus sujeitos caminhavam contrariamente ao que era idealizado e o que deveria ser instituído. Assim, palavras/desejos como ordem, progresso, educação, higienização, urbanização, modernização e controle fizeram parte de muitos desses projetos. Em Feira de Santana/BA, não fora diferente.

O Folha do Norte, mais antigo jornal ainda em circulação na cidade, em seu primeiro número apresenta o que poderíamos chamar de “princípio editorial”:

Surgimos, hoje, no campo jornalístico, **em prol do progresso intelectual e material desta grande zona sertaneja**, estabelecendo nossa pequena tenda de trabalho nesta formosa cidade da Feira de Santana, talhada para um futuro feliz e digno, por todos os títulos, dos serviços abnegados de seus filhos, para torná-la ainda mais próspera aos olhos daqueles que nos visitam, admirando-lhes a vastidão encantadora dos seus horizontes e amenidade benéfica do seu clima. Possuído das melhores intenções para a terra que nos serviu de berço, julgamos prestar-lhe um serviço cívico, concorrendo com a nossa parcela de trabalho na imprensa local, a fim de batalharmos sem vacilação de vontade, nem tibieza de espírito pelo seu completo desenvolvimento” (grifo nosso).

A análise do trecho acima nos permite apreender a representação do ideal de cidade em “progresso”, “civilizada” e “moderna” desejada pelos editores do Jornal Folha do Norte para Feira de Santana naqueles anos. Dessa forma, os “brados” do Jornal, durante o período em questão, voltava-se para (in)formar sobre o que agora era ou não aceitável para a cidade. Nesse sentido, o mesmo condenava comportamentos ditos desregrados em detrimento daquele que se pretendia como civilizado e de acordo com os interesses da elite local.

Fica evidente que o papel da imprensa nesse contexto era a da difusão das ideias de civilidade e modernidade colocadas em prática em nome da imperiosa necessidade de crescer e modernizar-se. O Jornal Folha do Norte, um dos mais influentes desse período no Estado, resumia esse papel, registrando que “a missão da imprensa não é só censurar, mas, principalmente, orientar, traduzindo em fórmulas concisas as necessidades sociais, e, quando justas, as aspirações populares.”

Tais questões do passado/presente na cidade de Santana nos levam ao estudo dessa História. Aqui, o Tempo Presente abre-se para a historiografia como um campo de estudos profícuo, que sugere continuamente novas problematizações e induz operações de pesquisa e análise para interagir e compreender processos e eventos do século XX e XXI. Talvez por isso que



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



o campo/abordagem denominado História do Tempo Presente, tem se expandido tanto e se tornado latente nas discussões historiográficas nos programas de graduação e de pós-graduação.

Nesse campo pertinente e tão vasto dos estudos históricos as considerações de Henry Rousso (2016) em “A última catástrofe: a história, o presente, o contemporâneo” são extremamente pertinentes. Para ele, a História do Tempo Presente se caracteriza por um procedimento inteiramente marcado pela tensão e por vezes pela oposição entre a história e a memória, entre o conhecimento e experiência, entre a distância e a proximidade, entre a objetividade e a subjetividade, entre o pesquisador e a testemunha. Sendo assim, seria plausível pensar a história do tempo presente como algo que está sendo produzido, e assim, não seguir uma visão traumática do passado, mas compreender a distância necessária ante às imposições da memória.

Nesse âmbito, o filósofo Paul Ricoeur (2007) em “A memória, a história e o esquecimento” chama atenção para o caráter misto da epistemologia da História, onde analisa a constante tensão entre passado e presente, subjetividade e objetividade. Estruturada por temáticas, tal obra enfatiza em primeiro lugar a memória enquanto tal; em segundo, a história como ciência humana e a terceira, o esquecimento como dimensão histórica de humano que somos. Dessa forma, Ricoeur analisa a ideia de representação do passado como memória e os choques oriundos dessa relação entre os objetivos que o conhecimento histórico persegue e os da memória.

Portanto, na elaboração desse artigo, corroboramos também com a ideia de que os discursos do Jornal Folha do Norte e as narrativas de memória são fundamentais à história do tempo presente de Feira de Santana, pois ela descola a História do Tempo Presente do presentismo, da ideia de uma história imediata; a memória confere duração. Deste modo, Henry Rousso ressalta que se configura como um antídoto ao presentismo, não de um sintoma deste fenômeno. A desconstrução de uma leitura linear da história e a valorização das idas e vindas, da presença do passado no presente e do presente no passado exige o trabalho em duas frentes, como lembra o autor: “a da história e a da memória, a de um presente que não quer passar, a de um passado que volta para assombrar o presente, sendo a distinção entre as duas por vezes indisfarçável” (ROUSSO, 2016, p. 302).

Através de uma análise minuciosa dos jornais podemos constatar de fato a persistente preocupação dos órgãos públicos e das autoridades locais em realizar o deslocamento da representação da Feira de Santana enquanto uma cidade de bases rurais, para defini-la como uma urbe dotada de um poderoso comércio e de uma estrutura cidadina. Paralelo aos jornais, surgem outras fontes narrativas que operam a visão retrospectiva, mas também do presente, dos fatos entre



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



lembranças e esquecimentos, definindo a memória como construção social. As memórias extraídas do texto “Recordações e votos”, por exemplo, do jurista e intelectual feirense Filinto Bastos de Cerqueira:

Não verão meus olhos, mas vê-lo-ão muitos de vós, sobre este soberbo planalto salubérrimo, perfumado pelos alecrins, pelas angélicas sylvestres, pelas candeias de ramos olorosos, delícia das infatigáveis abelhas; pompeando fascinante deslumbramento, em suas tardes de verão, quando na sége de púrpura, entre fulgurações indescritíveis, atirando pelo espaço, como um louco e pródigo nababo, as riquezas das pedrarias multicores, se esconde o sol nas quebradas da serra não distante; contemplando a beleza da “magnolia do céu” em poéticas e suaves noites de luar, de ineffável poesia: sim, meus senhores, meus olhos talvez não possam contemplar, mas verão muitos, **com certeza, altear-se sobre este formoso planalto uma cidade rejuvenescida, movimentada, opulenta, aureolada das luzes da instrução e do saber, ostentando as jóias que lhe ofertou a natureza e que o amor da pátria, consagrado pela civilização, poliu e aperfeiçoou, para lhe realçar a beleza, esmerando-se em adornal-a carinhosamente solicitude, como se o fizesse á própria “noiva do sol.** (grifo nosso).

O trecho faz referência às expectativas de Bastos sobre sua terra natal. Ao recordar suas reminiscências ele realiza um paralelo progressivo do futuro da cidade como “noiva do sol”. É possível percebermos quase que uma obsessão generalizada pelo ideal do progresso, do desenvolvimento e de civilização; este último conceito, sobretudo, seria expresso através de novas posturas que, consideradas modernas, deveriam ser observadas e também praticadas pelos moradores de Feira de Santana. Tais conceitos germinavam nos textos do periódico Folha do Norte para definir as práticas empreendidas pelo poder público municipal no sentido de modernizar a cidade, dotando de melhoramentos urbanos; as medidas de normatização do cotidiano e as novas instalações locais como construções de estradas, pontes, sistemas de água encanada e esgoto, e eletrificação urbana.

Segundo Alessandro Portelli (1996, p.106), ao nos depararmos com fatos históricos de memórias, “uma multiplicidade de memórias fragmentadas e internamente divididas, todas de uma forma ou de outra, ideologicamente e culturalmente mediadas”, o historiador tem por objetivo a interpretação crítica dos documentos e narrativas, visto que, se a História é narração, discurso, escrita ela carrega uma intencionalidade. Para Ricoeur, uma vez que o trabalho sobre a verdade documental é estabelecida por meio da tradicional crítica interna e externa das fontes, resta ao historiador a tarefa de construir uma história reflexiva que leva em conta uma base discursiva.

O Folha do Norte partilhava de uma noção de vida urbana, defendendo uma administração da cidade, organização do espaço urbano, mediante forte fiscalização e ações controladoras e punitivas. Através dos seus artigos periódicos, os editores do jornal direcionavam uma



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



determinada percepção de como devia ser conduzida, ordenada e disciplinada a cidade de Sant’Ana. O ideário de progresso e desenvolvimento tão difundido por uma elite intelectualizada local, elaboraram efusivos discursos que dotavam a cidade de dimensões quase europeias, com um indisfarçável preconceito contra quase tudo o que dissesse respeito às camadas mais comuns da sociedade feirense. Isto é, os discursos jornalísticos elaborados em torno da ideia de progresso, modernidade, civilização e desenvolvimento estão intimamente vinculados a critérios elitistas, que desejavam um cenário urbano não contaminado pela presença nada estética das camadas populares. Em contrapartida, as narrativas memorialistas nos levam a refletir que a relação passado/presente na cidade de Santana partiria de um conceito de tempo não linear, dialeticamente originado do passado em direção ao “tempo do agora”.

Sandra Jathay Pesavento (2007), uma das pioneiras dos estudos de história urbana no Brasil, interessada com as sensibilidades e o imaginário urbano, sugeriu uma historiografia que pensasse a cidade a partir das representações:

trata-se de buscar a cidade que é fruto do pensamento, como uma cidade sensível e uma cidade pensada, urbes que são capazes de se apresentarem mais “reais” a percepção de seus habitantes e passantes do que o tal referente urbano na sua materialidade e em seu tecido social concreto. (PESAVENTO, 2007. p. 14).

Desse modo, a cidade ergue seu futuro, através de planos e visões de mundo que assinalam para um depois, como ficção científica ou como planejamento urbano. Sendo assim, a modernidade urbana sugere pensar tais tipos de representação: aqueles referentes aos planos e utopias construídas sobre o futuro da cidade, inscrevendo uma cidade idealizada e desejada em projetos urbanísticos. Realizados ou não, eles são a inscrição de uma vontade e de um pensamento sobre a cidade e, logo, são matérias da história, porque fazem parte da capacidade imaginária de transformar o mundo. Assim como pensa o seu futuro, a cidade inventa o seu passado, sempre a partir das questões do seu presente. Ao viver sob a ótica do republicanismo, com todos os seus planos e utopias e todo o seu ideal de modernidade e civilização, a elite local feirense buscou novos caminhos para a Princesa do Sertão.

Antes de ser um mero meio de comunicação, contentando-se em apenas descrever e informar as notícias do cotidiano, o Jornal Folha do Norte constitui-se como o principal instrumento difusor a dualidade entre os velhos e os novos tempos, se auto reconhecendo, enquanto um guia ou simplesmente um manual que aconselhava os comportamentos, atitudes e ações que os cidadãos deveriam seguir para com isso construir um novo dia-dia na modernidade. É nesse sentido que deve ser percebida a decisão de declarar publicamente tal função, como fez o



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



semanário Folha do Norte, de janeiro de 1913, ao afirmar que “a missão da imprensa não é só censurar, mas principalmente, orientar, traduzindo em fórmulas concisas as necessidades sociais e, quando justas, as aspirações populares”. O jornal ocupava uma posição na sociedade feirense de porta-voz das novidades, o portal através do qual haveria o contato com o mundo exterior. Não é difícil imaginar a valorização desse papel nos jornais, principalmente pelo monopólio que os órgãos de imprensa detinham no período.

Portanto, nesse processo de urbanização, a modernidade e o progresso não deveriam ser apenas decodificados pelas construções ou intervenções públicas materiais, paripassu a isso, deveria ocorrer o desenvolvimento e a superação dos costumes antigos, deveria matizar-se um novo modo de agir, pensar e sentir nos indivíduos/sujeitos, importante para referendar os novos tempos e a relação passado/presente.

UM PASSADO QUE NÃO PASSA NA NOVA CIDADE DO SERTÃO

Feira de Sant'Ana do grande comércio de gado
nos dias poeirentos batidos de sol compridos
Feira de Santa' Ana
Das segundas feiras de agitações mercenárias
correrias de vaqueiros encourados
tabaréus suarentos abrindo chapéus enormes
barracas esbranquiçadas à luz
e as manadas pacientes que vêm para ser vendidas
de bois do Piauí de Minas do Sertão brabo
até de Goiás [...]

Feira de Sant'ana
a de hoje tão diferente
também é boa
riscadinha de eletricidade
torcida esticada retesada de fios aéreos longos
Fords estabanados raquíticos
levando no bojo viajantes de xarque
ó Fords arados desvirginadores de sertão
horizontes da minha terra que me educaram
Ainda quero ser limitados por eles
minha terra boa boa
minha terra minha
É lá que eu quero dormir ao acalento daquele céu tão manso
dormir o meu grande sono sem felicidade ou tortura de sonho
(Godofredo Filho)

O “Poema da Feira de Santana”, de Godofredo Filho, ativo poeta modernista feirense, por esboça o mapa de Feira de Santana, no passado, misturando a poesia e narrativa memorialista, oscilando entre as imagens de valorização e transformação da cidade marcadas pelas suas



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



vivências imbuídas do sentimento de saudade entre o velho e o novo, entre o passado e o presente na conhecida “Princesa do Sertão”. Prédios modernos, engenhosas construções, carros, luz elétrica misturando-se ao chacoalhar das carroças, às feiras livres no centro da cidade, aos animais soltos nas ruas, aos “tabaréus” suados, dividindo espaços com a gente “elegante” e “bem vestida”. Elementos dotados de uma simbologia que configuravam a (co)existência de um passado ruralista com o presente/futuro de uma cidade que se modernizava, que caminhava rumo ao tão desejoso progresso.

O espaço reconstruído na narrativa poética por Godofredo Filho insere-se assim na memória local enquanto um elemento identitário, fornecendo os materiais simbólicos com os quais deveriam ser produzidos novos textos sobre a cidade, criando sensibilidades a partir das quais são formados os olhares sobre o território. De tal modo elabora, com a recuperação dos discursos narrativos tradicionais e a alimentação do seu texto com outras formas de comunicação, um texto seminal que, por sua vez, funda um falar sobre Feira de Santana, institui uma memória acerca de como interpretar esta cidade.

História e as narrativas literárias, ainda que sejam discursos díspares que aspiram representar as experiências dos homens no tempo, são formas de explicar o presente, planejar o passado, idealizar o futuro; ambas são formas de representar inquietações e questões que mobilizam os homens em cada época de sua história, e, nesta medida, possuem um público destinatário e leitor.

A partir das indagações que o historiador faz mediante um conhecimento prévio do contexto histórico que pesquisa, é que se torna possível essa relação frutífera para a História. Isto expressa pensar o documento não só como vestígios do passado, mas também como representações da visão de mundo do seu autor, como uma construção cognitiva muitas vezes intencional capaz de perpetuar uma memória ou memórias selecionadas para permanecer na história. Mas sem sombra de dúvidas as fontes tornam-se instrumento de mediação entre presente e passado. Entretanto, são as questões direcionadas pelo olhar do historiador que descobrem na leitura os discursos contidos nas fontes e faz com que as fontes forneçam novas pistas para a reflexão e investigação do passado.

As memórias e crônicas de Eurico Alves Boaventura (2006) nos permite figurar essa metamorfose em Feira,

Da Fazenda Santana dos Olhos d’Água vai-se ao arraial de Santana da Feira e chega-se à vila e a cidade de Feira de Santana. Corre constante buliçoso arrepio das tropas de todo canto. Abrem-se ruazinhas vadias pelo planalto. E da velha estrada de tropas e boiadas bem larga, que marchava em direitura do sertão alto,



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



ou de lá voltava, já vai ficando só a lembrança no traçado irregular da Rua Direita, por sinal, a mais torta da urbe. Rua incerta como a marcha dos almocreves de então. Passou a cidade a vila incipiente e era, por lei, a “comercial cidade de Feira de Santana”.

O conceito de modernidade se executava também em Feira pela estigmatização dos valores e das estruturas tradicionais, nos quais os elementos do novo emergem potencialmente da crise das antigas instituições, tendo como elemento distintivo o conflito que se instaura entre a realidade cotidiana de nossa sociedade e os sonhos de futuro elaborados. Sob esse olhar avaliativo é que a intervenção dos administradores de Feira de Santana nas primeiras décadas do século XX, sugeriu e programou modificações aos elementos tradicionais apontados como degradantes. Para isso, a urbanização com o ordenamento da zona urbana, a partir de novos modelos arquitetônicos e de princípios da engenharia. Exemplo disso são as impressões do iminente engenheiro e geógrafo baiano Teodoro Sampaio ao visitar a cidade nos fins dos anos trinta:

Uma mutação completa é o que se vê em toda ela. Já não há aquelas misérrimas construções mal alinhadas, algumas ruas sem calçamento, avultando pelo seu numero. A esthetica da cidade melhorou consideravelmente; melhoraram-se as edificações particulares, os edifícios públicos, as ruas no seu calçamento com largos passeios que permitem a arborização indispensável neste clima tórrido, os jardins de suas praças com seus coretos bem elegantes, o campo do gado, onde se realizam as feiras semanais, amplo, regularizado, arborizado.

Podemos analisar que a modernidade local em Feira também se constituiu num processo caracterizado pela busca por reprodução dos ideais e modelos externos, que se compuseram no confronto da nossa realidade com os padrões sociais, políticos e culturais europeus, visto que, na Europa houve um fortalecimento do urbanismo, entendido como a possibilidade do estabelecimento do fator urbano enquanto fruto do planejamento da cidade pela escolha de valores que visam o progresso e a produtividade, modificavam o ideário e a vivência do espaço cidadão. Seria necessário então adequar este discurso às reais necessidades do país que desejava construir um espaço urbano que apresentasse toda polidez e fineza do mundo moderno.

O modelo em voga nas principais cidades brasileiras, também era almejado e reproduzido em Feira, como pode-se apreender no trecho a seguir:

A cidade da Feira de Sant’Anna é a mais linda das cidades que percorri no Estado da Bahia. A não ser a sua falta d’agua, que só pode ser canalizada de algumas léguas de distancia, e a falta de esgotos, ou a lembraria que ella fosse transformada a capital do Estado.

Trata-se das impressões e memórias narrativas do Sr. Moreira Pinto, quando visitou o que chamou de “sertões baianos”, expondo suas observações de visitante no jornal carioca



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



“Comércio”. Apesar da falta de esgotos e fornecimento de água encanada percebe-se no trecho o processo de urbanização onde a transformação da visão da cidade e do ambiente urbano durante o período republicano encontra-se, ainda, vinculado aos processos históricos que culminaram na ressignificação da rua, por exemplo, que deveria preparar-se em termos estéticos e higiênicos para receber o cidadão brasileiro que nascera com o novo regime:

A cidade deveria tornar-se um lugar prazeroso para o gozo dos cidadãos e, portanto, aparentar uma extensão da casa, ou seja, um lugar limpo, higiênico, agradável e moralmente saudável. No projeto de reforma urbana, as ruas, até então um espaço preferencialmente destinados aos negros, mulatos, vadios, mendigos, prostitutas e boêmios, precisavam ser ocupadas pelas famílias, pelos senhores de cartola, pelas senhoras e moças vestidas de acordo com a “última moda de Paris”.

A euforia urbanística que arrebatava os líderes políticos durante a primeira metade do século XX determinou um olhar avaliativo sobre o espaço urbano feirense que valorizava os elementos simbólicos exteriores à sua cultura, procurando degradar os símbolos do passado e promover a construção de uma nova realidade na qual pudesse ser concretizado o sentimento de plenitude que as imagens das cidades europeias traziam aos olhos de quem às contemplavam. Segundo Oliveira:

A crítica ao mundo rural representava a tentativa de adequar o país a um ritmo histórico novo, mais afinado com as transformações ocorridas na Europa e parelho com os ideais de progresso. A partir dos anos finais do século XIX, o tempo histórico sofreu uma aceleração brutal com o encurtamento de distâncias e a possibilidade de comunicações mais rápidas, fazendo com que as novidades chegassem com maior rapidez.

Assim, a noção de progresso se efetuava pela negação dos valores e das estruturas tradicionais nas quais repousava durante anos a sociedade feirense, mas que a condenavam a ser símbolo máximo do “atraso brasileiro” e que mereciam, por isso, serem trocados por outros modelos, novas formas. Podemos notar através dos jornais a persistente preocupação dos órgãos públicos e das autoridades locais em realizar o deslocamento da representação da Feira de Santana enquanto uma cidade de bases rurais, para defini-la como uma urbe dotada de um poderoso comércio e de uma estrutura cidadina. Assim sendo, a cidade experimentou um processo de urbanização que paulatinamente foi modificando sua paisagem física e sócio-cultural, esgarçando percepções e práticas sociais tradicionalmente arraigadas às suas relações cotidianas e instituindo novas semânticas de reconhecimento do lugar, configurando a nova e velha cidade.

Rasgaram-se avenidas, abriram-se escolas, estradas inúmeras como longas “serpentes de Jaspe” levaram aos quatro ventos, a fama de hospitalidade que já se



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



ia tornando tradicional. E a cidade foi perdendo rapidamente tudo que restava do antigo povoado de D. Ana Brandôa. As suas longas avenidas nada têm de provinciano, os seus parques outrora sombrios e melancólicos, estão inundado de luz; e a alegria radiosa da juventude das escolas forma como que uma aureola cintilante de Vida e de Graça.

Merece nota que o trecho acima, apesar de ter sido publicado em 1941, o Sr. Dival Pitombo, figura ligada às artes e à cultura erudita de Feira de Santana, fazia referência ao que chamou de “metamorfoses da cidade” ocorridas durante a década de 30 em Feira de Santana. No que se refere ao Jornal Folha do Norte (JFN), este acompanhou todas as mudanças que alteraram a aparência da saudosista cidade mapeada por Godofredo Filho em seu “Poema da Feira de Santana”, bem como, os seus problemas sociais e infra-estruturais que o crescimento urbano causava, desempenhando assim seu papel político. Portanto, analisamos tal periódico como elemento difusor de ideais de progresso e modernidade tão almejados por grupos da sociedade feirense.

CONCEPÇÕES DO TEMPO: MODERNIDADE E PROGRESSO COMO EXPERIÊNCIAS DA ACELERAÇÃO DA HISTÓRIA

Nos fragmentos do poema A canção da cidade amanhecendo, Eurico Alves Boaventura conjectura a cidade de Feira de Santana avançando num processo entre a tradição e a modernidade, o velho e o novo, o passado e o presente, reproduzidos abaixo:

Feira de Santana, minha cidade adolescente!
Entre a fidalga melancolia das ruas aristocráticas
E o alegre movimento do bairro comercial,
Há vivo rumor que se espalha pelas suas ruas largas e retas como gargalhadas ao sol,
Encantadora polifonia de sibilinas sirenes cerrando a carne morena das distâncias,
Latejar e choques de lépidas máquinas velozes, velocíssimas,
Rodando, correndo, avançando,
Febril alarido de vozes tumultuosas,
Trauteando a canção triunfal da alegria.
Vozes de longe, de outras cidades perdidas no sertão e de cidades do mar, vozes desconhecidas, vivendo na algaravia musical da ruas da minha lírica cidade;
Vozes comerciais planejando negócios, calculando despesas,
Vozes rudes dos sertões bravios e longíquos,
Canariando rua boca besuntada de sol

Mesclando passado, presente e futuro, Eurico descreve uma cidade que parece conviver em harmonia “entre a fidalga melancolia das ruas aristocráticas e o alegre movimento do bairro comercial”. Por meio dos seus escritos, é possível acompanhar um olhar sobre as alterações nas



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



relações sociais, de trabalho, na vida cotidiana, nos impulsos modernizadores que transformaram/alteraram a fisionomia urbana da cidade.

As discussões suscitadas nesse artigo também dialogam com a categoria de análise “estratos do tempo” de Reinhart Koselleck (2014) que remete a formações geológicas que remontam a tempos e profundidades diferentes, que se transformam e se diferenciaram uma das outras em velocidades distintas no percorrer da então conhecida história geológica. Partimos da premissa de conceber o tempo não como algo linear, mas como uma forma recorrente e circular. Desse modo, o conceito de “estratos do tempo” aqui em questão parte dos vestígios da narrativa histórica como expressão mais pura de uma ciência da experiência. Teríamos categoricamente a singularidade – inovações que podem ser interpretadas progressivamente; singularidades como apenas parte da verdade (repetição que não se esgota nas singularidades) e transcendentais – que se estendem por várias gerações.

Nesse âmbito, os ideais de modernidade e progresso enquanto concepções do tempo dialoga com as reflexões de Koselleck ao refletir sobre o futuro como projeção dos desígnios do passado. Em um dos capítulos do livro “Estratos do tempo”, o autor nos leva a pensar uma questão que tem por título “Existe uma aceleração da história?”. Concebemos aqui a ideia de aceleração como um aumento contínuo da velocidade em que fatos, situações, processos vem sendo construídos e desconstruídos, tornando a novidade obsoleta rapidamente, embebidos da perspectiva de Marshall Berman em “Tudo que é sólido desmancha no ar” (2008), a partir de um olhar sobre a cidade moderna, que nos ajuda a refletir/analisar, a sedimentação de novos modos de agir, pensar e sentir, assentados numa nova lógica social, na qual os valores são destruídos e construídos numa velocidade intensa.

Ainda sendo um conceito em perspectiva que extrai sua evidência da comparação entre gerações contemporâneas, a aceleração também pode ser vista para Koselleck como “um instrumento do conhecimento, que visa a uma teoria da crise, sem que sejamos obrigados a deduzir dela outras acelerações para o futuro” (p.154). Verticalizando ainda mais, corroboramos com a ideia de aceleração como conceito de experiência da modernidade com duas variantes que nos ensinaram a compreendê-la como possibilidade de histórias que se repetem como resultado de uma inovação técnico-industrial.

Entretanto, podemos perceber através das narrativas que tal consonância não é tão bem vista pela elite dirigente que produz e ao mesmo tempo compra o Jornal Folha Norte. Há na verdade, tentativas a todo momento de se instituir novos projetos civilizatórios cuja tônica é o paulatino apagamento dos traços do mundo pastoril. A paisagem física e social da outrora pacata e



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



silenciosa Feira de Santana vai sofrendo os influxos da modernidade. Mais que isso, o trecho do poema de Eurico permiti-nos analisar que a cidade e toda sua complexa estrutura fora construída para a elite; entre a “fidalga melaconlia das ruas aristocráticas e o alegre movimento do bairro comercial” o povo passa a não existir e parece não “merecer” ou “fazer parte” desses espaços públicos.

Na crônica “A velha e a nova cidade”, Eurico Alves Boaventura retrata esta Feira de Santana em mutação acelerada, onde tais transformações urbanísticas modificam o mapa e a arquitetura física e social da cidade, acentuando a linha divisória entre o rural e o urbano, o “atrasado” e o “moderno”.

E mal se consegue atualmente passar pela Praça João Pedreira, a do Comércio, com tanto carro estacionado nos dois lados e outros em movimento atribulado. Até a quarta década do século metamorfoseava-se a velha cidade provinciana, em lenta sugestão de capital minúscula. Em 1940, daí pra frente, todavia, operou-se repentina transformação aqui na vida urbana. Como seguro petardo de progresso da noite para o dia, o comércio sacudiu a cidade. Ondas e mais ondas de nortistas, de nordestinos sobretudo, aqui batiam. Outra já era a linguagem ouvida pelos cantos de rua, no meio das praças, no campo-de-gado, até mesmo na avenida Senhor dos Passos. [...] Agitou-se a cidade.

Podemos decompor através da crônica de Eurico Alves Boaventura que Feira de Santana aos poucos vai mudando sua paisagem e suas relações culturais, sociais e econômicas principalmente por causa da expansão do comércio. A cidade em movimento atribulado entre o vai e vem dos carros, pessoas de vários lugares com suas linguagens e culturas vão compondo a nova cidade, mas também com características do passado.

Corroboramos com Cristiane Bereta da Silva (2006) ao considerar que provavelmente o exercício de maior relevância para o historiador que lida com as questões do tempo presente é como conviver com as lembranças, experiências, expectativas dos sujeitos que fizeram ou fazem parte do objeto de estudo aqui em análise, por exemplo. Para além, para o historiador que lida com o presente é necessário diferenciar entre a diversidade e a variedade, verificando o que de fato importa ao fato ou fatos estudados.

As relações entre os ideais modernizantes presentes no ideário republicano e sua aliança como novas formas de percepção da cidade oriundas de um novo campo de estudos, sugere novas problematizações e induz a operações de pesquisa e análise para interrogar e compreender processos que fazem parte da História do Tempo Presente. Nessa perspectiva da História do Tempo Presente, os objetos de pesquisa tomaram outras dimensões, principalmente com ampliação das possibilidades das fontes, já que além de registros fiscais, censos demográficos, alvarás,



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



balancetes financeiros, passaram a ser utilizadas também registros orais, jornais, planos de habitação e arquitetura, obras literárias, entre outros. Sendo assim, delimitamos nosso objeto de pesquisa em três núcleos/vertentes, dado as suas respectivas problemáticas: primeiro, as funções da cidade e a necessidade da urbanização; segundo, os reflexos da vida urbana sobre os ciclos vitais dos indivíduos, tais como trabalho, família, sociabilidade e lazer; terceiro, as transformações materiais na cidade, tendo como financiador, o desenvolvimento econômico. Acrescenta-se que as vertentes têm na compreensão das relações sociais no espaço urbano a sua zona de interesse maior.

Nossa proposta de estudo dialoga com as considerações de Henry Rousso em “A última catástrofe: a história, o presente, o contemporâneo”. Segundo Rousso, a História do Tempo Presente se caracteriza por um procedimento inteiramente marcado pela tensão e por vezes pela oposição entre a história e a memória, entre o conhecimento e experiência, entre a distância e a proximidade, entre a objetividade e a subjetividade, entre o pesquisador e a testemunha. Sendo assim, seria imprescindível analisar a história do tempo presente como algo que está sendo produzido, e assim, não seguir uma visão traumática do passado, mas compreender a distância necessária ante às imposições da memória.

Corroboramos também com a ideia de que a memória é fundamental à história do tempo presente, pois ela descola a História do Tempo Presente do presentismo, da ideia de uma história imediata; a memória confere duração. Deste modo, Henry Rousso ressalta que se configura como um antídoto ao presentismo, não de um sintoma deste fenômeno. A desconstrução de uma leitura linear da história e a valorização das idas e vindas, da presença do passado no presente e do presente no passado exige o trabalho em duas frentes, como lembra o autor: “a da história e a da memória, a de um presente que não quer passar, a de um passado que volta para assombrar o presente, sendo a distinção entre as duas por vezes indisfarçável” (ROUSSO, p. 302).

As discussões suscitadas nessa pesquisa também dialogam com a categoria de análise “estratos do tempo” de Reinhart Koselleck (2014) que remete a formações geológicas que remontam a tempos e profundidades diferentes, que se transformam e se diferenciaram uma das outras em velocidades distintas no percorrer da então conhecida história geológica. Partimos da premissa de conceber o tempo não como algo linear, mas como uma forma recorrente e circular. Desse modo, o conceito de “estratos do tempo” aqui em questão parte dos vestígios da narrativa histórica como expressão mais pura de uma ciência da experiência. Teríamos categoricamente a singularidade – inovações que podem ser interpretadas progressivamente; singularidades como apenas parte da verdade (repetição que não se esgota nas singularidades) e transcendentais – que se estendem por várias gerações.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Koselleck argumenta que apenas a partir da constatação da complexidade e da multiplicidade da experiência temporal, através de sua percepção em estratos, e de suas características, o processo histórico pode ser melhor compreendido. Nesse âmbito, os ideais de modernidade e progresso enquanto concepções do tempo dialoga com as reflexões de Koselleck ao refletir sobre o futuro como projeção dos desígnios do passado. Em um dos capítulos do livro “Estratos do tempo”, o autor nos leva a pensar uma questão que tem por título “Existe uma aceleração da história?”. Concebemos aqui a ideia de aceleração como um aumento contínuo da velocidade em que fatos, situações, processos vem sendo construídos e desconstruídos, tornando a novidade obsoleta rapidamente, embebidos da perspectiva de Marshall Berman em “Tudo que é sólido desmancha no ar” (2008), a partir de um olhar sobre a cidade moderna, que nos ajuda a refletir/analisar, a sedimentação de novos modos de agir, pensar e sentir, assentados numa nova lógica social, na qual os valores são destruídos e construídos numa velocidade intensa.

A hipótese de aceleração do tempo remete a outra preocupação de Koselleck com a ideia de modernidade (novo tempo). O autor questiona e problematiza a ascensão da concepção de um novo tempo que surge a partir do século XVI. Tal percepção coloca ao autor a necessidade de pensar a ideia de novo como característica da modernidade. Desse modo, a inovação, a mudança e o progresso seriam característicos desse momento da história. Vale salientar que, o autor contrapõe essa perspectiva apontando que todo tempo é simultaneamente espaço de inovação e repetibilidade, visto que, a característica de inovação marcante na modernidade é dissolvida argumentativamente através da concepção de tempo em estratos, o que gera uma compreensão mais complexa dessa temporalidade.

Koselleck analisa a desnaturalização da experiência temporal pelos fatores técnicos da aceleração, fatores introduzidos na experiência temporal pelo homem, como ser histórico, resultam em sua autonomia relativamente maior perante essa natureza da qual o ser humano sempre dependerá. Atentamos-nos então a eleger como categoria de análise o rendimento da máxima experiência da aceleração que é o tempo histórico partindo da premissa do progresso como primeira categoria temporal genuinamente histórica, bem como, a aceleração como uma variante específica do progresso e assim, “qualificando o progresso da história”.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Gervácio Batista, BRITO, Flávio André Alves. Construindo verdades verossímeis a partir das Ficções: por uma hermenêutica histórico-literária. In: **Epistemologia, Historiografia e**



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Linguagens. Gervácio Batista Aranha, Elton John da Silva Farias (Orgs.). Campina Grande: EDUFPG, 2013, p.268.

BENJAMIN, Walter. Pequena História da Fotografia. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura.** Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. 7ª Edição. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas. Vol. I). p.91-107.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar.** A aventura da modernidade. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2007.

BRESCIANNI, Maria Stella M. História e historiografia das cidades, um percurso. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). **Historiografia brasileira em perspectiva.** 5.ed. São Paulo: Contexto, 2003.

CRUZ, Heloisa de F; PEIXOTO, Maria do R. da C. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História.** São Paulo: PUC-SP. n° 35, julho/dezembro, 2007. p 253-270.

FONSECA, Raimundo Nonato da Silva. **“Fazendo Fita”:** cinematógrafos, cotidiano e imaginário em Salvador, 1897-1930. Salvador: EDUFBA: Universidade Federal da Bahia. Centro de Estudos Baianos, 2002.

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do Tempo:** estudos sobre história. Tradução: Markus Heidiger. – 1.ed. – Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-Rio, 2014.

LEITE, Rinaldo. **A rainha destronada:** discursos de elites sobre as grandezas e os infortúnios da Bahia nas primeiras décadas republicanas. São Paulo. 2005. 322p. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005.

MAUAD, Ana Maria (Org.). **História Oral e Mídia:** Memórias em Movimento. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

OLIVEIRA, Clóvis Frederico Ramaiana Moraes. “Meus brinquedos todos”: Godofredo Filho e a narrativa histórica no Poema da Feira de Santana (1926). **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo,** julho 2011.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & literatura:** uma velha-nova história. Nuevo Mundo Mundos Nuevos, Debates, 2006.

POPPINO, Rollie E. **Feira de Santana.** Salvador: Editora Itapuan, 1968.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina (orgs). **Usos & Abusos da História Oral.** Rio de Janeiro: FGV, 1996, p.103-130.

RIBEIRO, Luiz Cesar e PECHMAN, Robert (Org.). **Cidade, povo e nação** – gênese do urbanismo moderno. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento.** Campinas/SP: Unicamp, 2007.

ROUSSO, Henry. **A última catástrofe:** a história, o presente, o contemporâneo. Trad. Fernando Coelho e Fabrício Coelho. Rio de Janeiro: FGV, 2016.

SILVA, Cristiani Bereta. Escrever história do tempo presente. Algumas questões e possibilidades. **Revista Tempos Históricos.** Vol. 9, 2º semestre de 2006, p.257-276.